



MERLEAU-PONTY, LINGUAGEM E FENOMENOLOGIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Filipe Ferreira Ghidetti²
Felipe Quintão de Almeida³
Valter Bracht⁴

RESUMO

O artigo trata de discutir uma aporia, na fenomenologia de Merleau-Ponty, que envolve os conceitos de percepção e linguagem em sua obra. Apresenta, com a ajuda de comentadores e do próprio filósofo, as reordenações por ele operadas para lidar com o problema, o que produziu revisões em seu pensamento. Conclui com possíveis implicações dessa questão na Educação Física brasileira.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Corpo; Linguagem; Educação Física.

MERLEAU-PONTY, LANGUAGE AND PHENOMENOLOGY IN PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

This paper discusses an aporia, in Merleau-Ponty's phenomenology, which involves the concept of perception and language in the French philosopher's work. It presents, with the aid of commentators and of Merleau-Ponty himself, the rearrangements by the philosopher for dealing with this aporia, which resulted in reviews of his thoughts. It concludes with some implications of this aporia for the receptions of Merleau-Ponty in the Physical Education in Brazil.

Key words: Merleau-Ponty; Body; Language; Physical Education.

MERLEAU-PONTY, LENGUAJE Y FENOMENOLOGÍA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Se discute una aporía, en la fenomenología de Merleau-Ponty, que implica los conceptos de percepción y lenguaje en la obra del filósofo francés. Se presenta, con ayuda de comentadores y del propio Merleau-Ponty, los reordenamientos operados por el filósofo para lidiar con esta aporía, aspecto que produjo revisiones en su pensamiento. Se concluye con algunas implicancias de dicha aporía para las recepciones de Merleau-Ponty en la Educación Física brasileña.

Palabras clave: Merleau-Ponty; Cuerpo; Lenguaje; Educación Física.

¹ Os autores são membros do Laboratório de Estudos em Educação Física (LeseF/Ufes) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC).

² Mestre em Educação Física (UFES). Doutorando em Educação (UFSC). E-mail: <filipe_ghidetti@hotmail.com>

³ Doutor em Educação (UFSC). Professor da Ufes. E-mail: <fgalmeida@hotmail.com>

⁴ Doutor em Filosofia (Universidade de Oldenburg). Professor da Ufes. E-mail: <valter.bracht@pq.cnpq.br>



Introdução

É toda a concepção tradicional (fenomenológica) da linguagem pré-verbal (ou originária) e das suas relações com o verbal (ou derivado) que é preciso reformular. Não devemos ver no pré-verbal uma camada de sentido dando-se numa 'compreensão antepredicativa' de um sujeito constituinte ou de um 'corpo-sujeito' operador de sínteses originárias – camada sobre a qual se ergueriam a linguagem e as suas 'idealidades'. Sabemos a que aporias esta concepção fenomenológica da 'constituição' conduziu (GIL, 1996, p. 96).

Em estudos anteriores (GHIDETTI, 2012; GHIDETTI; ALMEIDA; BRACHT, 2013; ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013) discutimos a presença do referencial fenomenológico no âmbito da Educação Física brasileira. Dialogamos com a produção teórica de cinco autores, por nós identificados como expoentes dos usos da fenomenologia na área. São eles: Silvino Santin, Manoel Sérgio, Wagner Wey Moreira, Elenor Kunz e Terezinha Petrucia da Nóbrega. Uma das conclusões a que chegamos é que o tema da linguagem, embora *atravesse* toda a obra de Merleau-Ponty (FURLAN; BOCCHI, 2003), é pouco desenvolvido nos registros investigados. Neste artigo, vamos nos ocupar dessa *ausência*, oportunidade para tratar de uma aporia que envolve a linguagem na obra de Merleau-Ponty. Como chave de leitura, discutiremos alguns aspectos da relação entre percepção e linguagem na sua filosofia; na sequência, problematizaremos alguns dos *usos* da fenomenologia no âmbito da Educação Física brasileira à luz da aporia analisada.

Percepção e linguagem em Merleau-Ponty

Em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (2011) considera a atividade perceptiva, ou seja, o mundo que nos é revelado pelos sentidos e pela experiência de vida, como fundante de todos os atos subjetivos. A percepção é, portanto, um fenômeno originário em que se determina o sentido de tudo o que se possa conceber. A *denúncia* do filósofo no livro citado demonstra o quanto de colonização da percepção ou do *mundo vivido* a ciência promoveu. Em contraposição a esta sobreposição, sua fenomenologia propôs-se retornar às *coisas mesmas*, ao *mundo vivido*, na tentativa de chegar a uma relação *ingênu*a com o mundo e, assim, oferecer uma descrição *direta* de nossa experiência primordial (perceptiva)

com ele. Quer dizer, buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer apreciação e que está aquém das construções e idealizações da ciência. Conforme as palavras do próprio filósofo, “[...] retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 4).

Se a ciência manipula o mundo, mas se recusa a habitá-lo (MERLEAU-PONTY, 2004b), não é preciso negar ou limitar seu valor, mas levar o *pensamento de sobrevoos* da ciência a colocar-se num *há* prévio, na paisagem:

[...] no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado, tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e meus atos (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 14).

Trata-se, dito de outro modo, de conferir primazia ao sujeito que percebe e que está no mundo, pois este não é um objeto do qual se possui a lei de sua constituição, mas, ao contrário, é o meio natural e o campo de todos os nossos pensamentos e de nossas percepções. Novamente, de acordo com o autor:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3).

É impossível, portanto, separar as *coisas* da sua maneira de aparecer. Eu vivo e percebo o mundo, de modo que as *coisas* não são simples objetos diante de nós; cada uma delas evoca e simboliza em nós certa conduta, provocando reações (des)favoráveis. O homem, deste modo, está investido nas *coisas* e as *coisas* nele (MERLEAU-PONTY, 2004a). Esta operação implica uma nova maneira de se conceber a relação do sujeito com o mundo, em favor de

uma relação menos clara, de “[...] uma proximidade vertiginosa que nos impede de nos aprendermos como um espírito puro separado das coisas, ou de definir as coisas como puros objetos sem nenhum atributo humano” (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 27). É dessa consciência perceptiva que provém a unidade das ações do homem no mundo e o engajamento do sujeito nas situações cotidianas, pois se o sujeito “[...] se ignorasse, ele seria, com efeito, uma coisa e nada poderia fazer com que ele em seguida se tornasse consciência” (MERLEAU-PONTY apud FERRAZ, 2008, p. 56). Ainda para Ferraz (2008, p. 52-53), a atividade perceptiva, na *Fenomenologia da Percepção*, é descrita como um poder não ligado à individualidade de cada corpo, mas “[...] como um conjunto de operações anônimas universalmente partilhadas por todos os humanos de mesma constituição psicofisiológica”. No contexto da *Fenomenologia da Percepção*, esta é entendida como uma *primeira camada da experiência*, capaz de traduzir ou registrar uma realidade autonomamente percebida. De modo geral, nessa obra, o campo percebido corresponde a um conjunto de fenômenos organizados conforme *regras próprias*, as quais produziriam conteúdos partilháveis por todos os sujeitos, independente de língua e de cultura. No curso *A Passividade*, ministrado nos anos 1950, o filósofo argumentou que *A Fenomenologia da Percepção* acentuou demasiadamente a experiência sensível, prescindindo dos aspectos culturais e, portanto, linguísticos, envolvidos na doação fenomênica. Assim, a percepção foi entendida como a base de toda idealidade, sem, todavia, ser ela mesma tecida de idealidade, da qual a linguagem é a emergência (DUPOND, 2010). Conforme, agora, a explicação de Moutinho (2012, p. 134, grifos do autor).

A idealidade é ali pensada a partir de um gesto do corpo: ‘a origem da fala tem um sentido estritamente empírico e trata-se de *derivar* seu modo próprio de significância daquele dos gestos vitais’ [...]. Merleau-Ponty [...] reconhece que o laço entre o signo e o sentido não é ‘natural’, mas sua solução consiste em colocar em evidência uma ‘motivação original’ do signo em gestos do corpo tomado como um corpo vivo: ‘que o gesto silencioso não seja ligado à natureza em um modo causal, isso não permite compreender que ele se ultrapasse para uma significação linguística’: com isso, segundo Barbaras, ‘a originalidade da expressão linguística é perdida’.

No âmbito de *Fenomenologia da Percepção*, os atos perceptivos seriam, além disso, remetidos a um pensamento geral tácito, entendido como a base silenciosa de todos os

investimentos da consciência. Todas as significações linguísticas decorreriam dessa base silenciosa (“a presença de si a si”, “uma experiência de mim a mim”)⁵, sendo entendidas como um veículo secundário, a tradução de uma apreensão imediata do sentido das vivências pela consciência perceptiva. De acordo com a interpretação de Ferraz (2008, p. 59):

[...] o meio pelo qual tal expressividade realizar-se-ia (o sentido gestual ou emotivo) é apresentado como uma tradução do pensamento silencioso da consciência perceptiva. Daí o caráter paradoxal da análise da linguagem pela Fenomenologia da Percepção: Merleau-Ponty oscila entre a autonomia do poder expressivo e seu condicionamento pela consciência silenciosa porque atribui essas duas características incompatíveis à mesma camada de linguagem, aquela do sentido gestual ou emotivo.

Segundo, agora, as palavras do próprio Merleau-Ponty (2011, p. 12), “no silêncio da consciência originária, vemos aparecer não apenas aquilo que as palavras querem dizer, mas ainda aquilo que as coisas querem dizer, o núcleo de significação em torno do qual se organizam os atos de denominação e de expressão”. Para Ferraz (2008), a dificuldade da *Fenomenologia da Percepção* em conciliar expressividade linguística e consciência silenciosa não se resolve, de modo que o foco excessivo na apreensão sensível e solitária do mundo, a partir da percepção, chega a ser mesmo incompatível com o capítulo de *Fenomenologia da Percepção* chamado *O corpo como expressão e a fala*,

[...] segundo o qual a linguagem condiciona a referência da consciência a si mesma. Nesse capítulo, Merleau-Ponty repudia a ideia de um pensamento geral tácito, pois defende que todo pensamento se constitui pela mobilização das significações disponíveis rumo a um sentido novo. A ideia de que haveria um tal pensamento tácito, um contato imediato de si consigo é, desse ponto de vista, uma ilusão decorrente do acesso imediato aos pensamentos já sedimentados. Mas esse acesso não implica haver uma síntese dos pensamentos prévia à linguagem (FERRAZ, 2008, p. 57).

Como se pode observar, Merleau-Ponty, por um lado, defendeu, no interior da *Fenomenologia da Percepção*, que um pensamento silencioso funda a linguagem e atribui sentido às palavras; por outro lado, admite que a expressividade linguística é o que

⁵ Merleau-Ponty (2011, p. 541).

possibilita o pensamento tácito. O próprio filósofo (em *O visível e o invisível*, 2012), admitiu que as relações entre o capítulo do *cogito* e o da linguagem em *Fenomenologia da Percepção* não foram bem elaboradas (o capítulo sobre o *cogito* não se liga ao capítulo sobre a palavra), reconhecendo a aporia presente na letra do seu texto. Além disso, continua (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 171): “Fica o problema da passagem do sentido perceptivo ao sentido referente à linguagem, do comportamento à tematização”. Ele chega mesmo a afirmar, em outra nota de *O visível e o Invisível*, que “[...] o que eu chamo de *cogito* tácito é impossível. Para possuir a ideia de ‘pensar’ (no sentido do ‘pensamento de ver e de sentir’), para fazer a ‘redução’, para retornar à imanência e à consciência de... é preciso possuir as palavras” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 167, grifos do autor).

O filósofo francês vai conseguir formular outra explicação entre a percepção e a linguagem em textos mais tardios (nos anos 1950), quando aprofunda e esclarece o argumento de que a percepção necessita de parâmetros linguísticos em suas capacidades discriminativas, problematizando o modelo de compreensão silenciosa⁶. Para Dupond (2010, p. 62, grifos do autor), a principal contestação da percepção ocorre não só porque ela, após a obra de 1945, deve ser entendida, em última instância, como fenômeno da expressão, mas “[...]sobretudo porque o próprio conceito de percepção está ligado ao pressuposto – que deve ser explicitado e criticado – de que a percepção seria uma ‘primeira camada’ de experiência’, ‘concerniria a seres existentes num ponto do tempo e do espaço, por oposição ao conceito ou à ideia’”⁷. Segundo a leitura de Ferraz:

Em um texto de 1951, em que apresenta um projeto de ensino por ocasião de sua candidatura ao Collège de France, Merleau-Ponty afirma que ‘nos é necessário ver como nossa própria encarnação, pelo uso linguístico que fazemos do nosso corpo, é o que nos permite, de uma certa maneira de não permanecer confinados nos limites de nosso ponto de vista tal como ele é definido pelo corpo ‘natural’ (2008, p. 53, grifos do autor).

⁶ Conforme apontaram comentadores aqui citados, as aporias sobre o tema da linguagem presentes em *Fenomenologia da percepção* serão enfrentadas, por Merleau-Ponty, a partir do estudo da linguística de Saussure e com ela.

⁷ Toda percepção já é expressão primordial, assevera Merleau-Ponty (2007) em *A prosa do mundo*.

Nessas circunstâncias, a idealidade (a linguagem, portanto) aparecerá como possibilidade do percebido, sendo reintegrada à vida concreta da experiência. Eis a razão pela qual

[...] uma nova *démarche* se imporá, não mais ‘progressiva’, como na *Fenomenologia da percepção*, mas ‘regressiva’, que parta da cultura e da linguagem, isto é, do fenômeno da expressão, para dar conta do corpo e do mundo (BARBARAS 1991, p. 80). Já não há porque distinguir a linguagem de uma camada da qual ela procederia: ‘o mundo é já (...) linguagem, expressão primordial’ [...] (MOUTINHO, 2012, p. 134, grifos do autor).

É neste contexto, também, que se critica o sentido gestual ou emotivo das palavras que antes era afirmado em *Fenomenologia da percepção*. Merleau-Ponty procura combater a ideia *nomenclaturista* de linguagem, “[...] como um conjunto de termos ligados a referentes previamente determinados” (FERRAZ, 2008, p. 72). Esta autocrítica é estruturada a partir do caráter diacrítico dos vocábulos, crítica esta fortemente inspirada em Saussure. Significa dizer, a partir de então, que as palavras (ou cada fonema) são reconhecíveis pela relação com outras palavras e fonemas do sistema linguístico. Os significados ocorrem por diferenciação e não por uma camada predeterminada. Em *A prosa do mundo*, Merleau-Ponty fala sobre a capacidade de renovação da linguagem, quando afirma que não há somente frases feitas, mas que “[...] uma língua é capaz de assinalar o que ainda nunca foi visto” (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 30). O francês entende que o *novo* é feito de elementos antigos, já expressos:

A língua dispõe de um certo número de signos fundamentais, arbitrariamente ligados a significações-chave; ela é capaz de compor qualquer significação nova a partir daquelas, portanto de dizê-las na mesma linguagem, e finalmente a expressão exprime porque reconduz todas as nossas experiências ao sistema de correspondências iniciais entre tal signo e tal significação, de que tomamos posse ao aprender a língua, e que, por sua vez, é absolutamente claro, porque nenhum pensamento permanece nas palavras, nenhuma palavra no puro pensamento de alguma coisa (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 30).

A hipótese, presente na *Fenomenologia da Percepção*, do sentido gestual/emotivo das palavras, entendida como camada primeira de significação da qual o sentido conceitual derivaria, dava conta de que as palavras significam porque veiculam certas atitudes típicas do corpo diante do mundo. Tais vivências silenciosas fundariam a linguagem e permitiriam

que os falantes de diferentes línguas pudessem se traduzir. Porém, na interpretação fornecida por Ferraz (2008, p. 73) sobre a linguística saussuriana, os significados emotivos, ancorados nas vivências particulares de cada um, tornariam a comunicação impossível, afinal “[...] a discrepância de sentido emotivo exigiria a partilha da intensidade e da especificidade de experiências individuais, o que parece bastante improvável”. Voltando ao registro da filosofia merleau-pontyana, Ferraz diz que, em *A prosa do mundo*, a camada primordial da linguagem não é o sentido gestual. De maneira divergente em relação à obra de 1945, é

[...] o princípio de diferenciação dos vocábulos que atua na camada verbal (por meio da qual as relações opostas se formam). [...] Desse ponto de vista, o sentido linguístico se origina não da associação de um vocábulo a uma certa essência afetiva de experiências de que o corpo guarda o estilo, mas da diferenciação dos próprios vocábulos pela fala (FERRAZ, 2008, p. 74).

A concepção da linguagem como sistema diacrítico⁸ implica, a partir de então, reformar o papel da atividade perceptiva no funcionamento da linguagem:

Afinal, longe de traduzir ou registrar uma realidade autonomamente percebida, conforme esse livro [*Fenomenologia da percepção*] parecia defender com a tese do sentido emotivo, as línguas, segundo a concepção diacrítica, fornecem os instrumentos pelos quais determinados eventos ou coisas podem ser referidos, de modo a direcionar as capacidades discriminativas inerentes à percepção (FERRAZ, 2008, p. 75).

Se em *Fenomenologia da percepção* predominou a rígida independência da percepção em relação à linguagem, nos textos após aquele livro prevalecerá uma *enformação*⁹ cultural do campo perceptivo. Nessa época, Merleau-Ponty é mais explícito quanto à ideia de que não há um campo puro de fenômenos sensíveis a descrever, já que o sujeito apenas pode fixar os dados da percepção recorrendo à linguagem. “Por conseguinte, a percepção não se limita a veicular padrões naturais de organização do campo fenomenal, mas atualiza determinados parâmetros de manifestação fenomênica culturalmente carregados” (FERRAZ, 2008, p. 76). O que se quer dizer é que a percepção não fornece dados universalmente partilháveis, mas

⁸ Saussure defende que o sentido dos termos não é uma propriedade inerente a cada palavra, mas resulta das relações entre os diferentes vocábulos de uma língua (FERRAZ, 2008).

⁹ “Enformação cultural do campo perceptivo” é um termo utilizado por Ferraz (2008) e que diz respeito a consideração ao caráter não imediato da percepção.

os poderes discriminativos são contaminados pelo aparato cultural: “[...] línguas intensificam diferenças nas capacidades discriminativas de sujeitos perceptivos de contextos histórico-culturais diversos” (FERRAZ, 2008, p. 76). Ainda assim, Ferraz (2008) assevera que Merleau-Ponty não considera que a linguagem seja a responsável pela inserção do sujeito no mundo, pois a própria veiculação da cultura na percepção depende da abertura perceptiva ao Ser. Para o filósofo francês, portanto, a linguagem continua a se estabelecer sob a abertura originalmente perceptiva, mas agora, diferentemente da ênfase contida na *Fenomenologia da Percepção*, a abertura perceptiva originária não deve ser concebida como núcleo de vivências duráveis e diretamente disponíveis aos sujeitos perceptivos, independente da linguagem. Acontece que a organização diacrítica da percepção pressupõe que a experiência sensível não seja “[...] a assimilação de significações silenciosas positivas” (FERRAZ, 2008, p. 80), de modo que existem dificuldades na exposição direta das propriedades do Ser pela percepção. Assim, não basta afirmar que a linguagem é fundada na experiência perceptiva, mas é preciso acentuar que a “[...] a linguagem é um poder intencional que transfigura as fugidias experiências sensíveis (que estão em sua base) em idealidades culturais” (FERRAZ, 2008, p. 81). Assim, a universalidade do sentir só é possível pela linguagem quando há uma recriação da experiência: “[...] o exercício da linguagem permite que a universalidade tácita do sentir (o fato de que todos os sujeitos da mesma constituição psicofisiológica experimentam perspectivas intercambiáveis do mesmo mundo) seja reconhecida como verdadeiramente universal” (FERRAZ, 2008, p. 81). A expressão da experiência sensível por meio de vocábulos sedimentados e partilhados torna possível ao sujeito, tanto desvelar “[...] a sua vida silenciosa particular aos demais sujeitos que comungam do mesmo código linguístico quanto aprender a experiência sensível dos outros falantes” (FERRAZ, 2008, p. 81). Nessas condições, é preciso aclarar que não se trata de afirmar que existam vocábulos que traduzem, de modo direto, a particularidade de cada experiência, mas que, indiretamente, por meio de torções expressivas impostas às palavras, existe a possibilidade de que o caráter único das experiências silenciosas seja comunicado. É graças à linguagem, portanto, que a totalidade privada confraterniza com a totalidade social, significa que “[...] a perspectiva subjetiva em que cada sujeito está confinado se revela não como um ponto de vista inacessível, mas como um foco de experiências eminentemente compartilháveis” (FERRAZ, 2008, p. 81). Essa capacidade de fixação e de desvelamento indireto da experiência

silenciosa será explorada por Merleau-Ponty nos seus últimos livros, operação que o conduzirá à constituição de uma ontologia da expressão (DUPOND, 2010), tema que não será aqui abordado.

A aporia que envolve a percepção e a linguagem na fenomenologia de Merleau-Ponty possibilita problematizar algumas das recepções da fenomenologia na Educação Física. Na sequência, tratamos disso.

Percepção e linguagem... problematizações para a Educação Física

Uma primeira consideração a se fazer é que as recepções da fenomenologia de Merleau-Ponty na Educação Física muito pouco se dedicaram a pensar as aporias de sua filosofia. Prevaleceu, na área, a repetição dos argumentos do filósofo, existindo pouco espaço para críticas ou, então, para se discutir *limites* em sua perspectiva. Excetua-se Nóbrega (2000, 2010, 2011), que reconheceu, em seu trabalho, algumas aporias¹⁰ da filosofia de Merleau-Ponty e incorporou, em seus textos, a *virada ontológica* de sua obra¹¹.

Sobre a aporia tratada neste artigo, dos registros que analisamos em outro texto (ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013), Sérgio ponderou asseverando que “o trânsito da percepção ao conceito, da zona da pré-constituição à da constituição, foi algo que Merleau-Ponty jamais conseguiu explicar” (SÉRGIO, 1987, p. 94). Não vamos *entrar* no mérito deste diagnóstico. Alguns escritos mais tardios de Merleau-Ponty, porém, em que o tema da linguagem é retomado¹², podem ser lidos como uma tentativa de responder a essa *passagem*, o que relativizaria a sentença de Sérgio (1987). O próprio autor não se propôs, por meio do próprio Merleau-Ponty, avançar nessa discussão.

No trabalho de Nóbrega, por sua vez, não identificamos o reconhecimento dessa aporia ou uma explicação mais *demorada* do modo como ocorre o *trânsito* entre a percepção e a linguagem. Aprendemos, com sua interpretação de Merleau-Ponty, que a vida da linguagem não se restringe ao domínio do pensamento ou aos aspectos conceituais, mas expressa

¹⁰ Já nos referimos a algumas dessas aporias em outro texto (ALMEIDA; GHIDETTI; BRACHT, 2013).

¹¹ Por *virada ontológica* entendemos as modificações no pensamento de Merleau-Ponty, das primeiras para as últimas obras, que o levaram ao desenvolvimento de uma ontologia.

¹² Ver, por exemplo, Merleau-Ponty (2004b, 2007, 2012).

significados irrefletidos na consciência, o que exige a comunicação silenciosa do corpo e sua linguagem sensível (NÓBREGA, 2010, 2011). Esta linguagem sensível pressupõe o fato de que nem tudo pode ser por ela conhecido, pois nem tudo na linguagem é consciente ou pensado, existindo sempre lacunas no seu âmbito. Além disso, Nóbrega argumenta (2000) que, com Merleau-Ponty, somos levados a reconhecer diferentes formas de linguagem, como o mito, a poesia e as expressões sensíveis diretamente vinculadas à corporeidade e comunicadas pelo movimento. Em síntese, Nóbrega (2010, p. 86) mostra como o filósofo francês “[...] amplia a compreensão da linguagem, relacionando-a com as experiências do corpo e da existência”. Esta é, sem dúvida, uma compreensão ímpar para se entender a relação entre corpo e linguagem no âmbito da Educação Física. Nesse encaminhamento, contudo, Nóbrega pouco explorou como se processam essas experiências silenciosas do corpo em relação à linguagem, o trânsito entre ato e significação, entre a expressão e o expresso, quer dizer, como a consciência perceptiva, dependente da temporalidade e da cultura, se relaciona com este fundo sempre pressuposto.

Essa tarefa segue ausente nos textos de Santin, Moreira e Kunz. No caso dos dois primeiros (SANTIN, 1987, 1994; MOREIRA, 1991), conforme argumentamos em outro lugar (ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013), a recepção de Merleau-Ponty é muito embrionária, restringindo-se, basicamente, à *Fenomenologia da Percepção*. Não houve possibilidade, assim, de avançar no tratamento da aporia. O movimento, em Santin e Moreira, foi mais o de se apropriar de alguns conceitos de Merleau-Ponty e de *aplicá-los* à Educação Física. No trabalho de Kunz, mesmo que ele avance nos usos da fenomenologia quando comparado a Santin e Moreira, essa aporia também não é abordada.

Kunz é, no Brasil, o principal expoente e divulgador da conhecida *Teoria do Se-Movimentar Humano* (TSMH). A recepção que a TSMH faz da obra de Merleau-Ponty é tributária da obra *Fenomenologia da Percepção* (GHIDETTI; ALMEIDA; BRACHT, 2013). Na medida em que se baseia, prioritariamente, neste livro, Kunz conferiu pouca atenção às revisões que Merleau-Ponty produziu em relação à sua obra (o que afetou, como vimos na primeira parte deste artigo, teses contidas em *Fenomenologia da Percepção*). Significa dizer que a TSMH se mantém *presa* a algumas aporias (CARDIM, 2007; NUNES, 2004) do pensamento de Merleau-Ponty identificadas naquele livro. Mostramos que o filósofo francês delas se

ocupou na sequência do seu trabalho (MERLEAU-PONTY, 2004b, 2007, 2012); todavia, isto não foi incorporado pela produção de Kunz. Qual a consequência? Kunz continua operando, no âmbito da TSMH, com teses revistas pelo próprio Merleau-Ponty. Não acompanhou, por exemplo, a *virada ontológica* em sua filosofia, que o levou a questionar conceitos presentes no livro de 1945.

A aporia abordada neste artigo é um bom exemplo deste *descompasso*, pois a TSMH afirma a produção de sentidos e significados sem explicar o nexos entre a percepção e a linguagem. Continua a pressupor, deste modo, um contato pré-reflexivo da consciência perceptiva consigo mesma, que é anterior à linguagem. A crítica que Kunz (2000) faz à colonização que o esporte normatizado ou de alto-rendimento desempenha nas aulas de Educação Física escolar ou, então, sua aposta na sensibilidade, na espontaneidade e na infância como possibilidades de se contrapor à instrumentalização do movimento humano, está baseada numa compreensão antepredicativa de um sujeito constituinte ou de um corpo-sujeito operador de sínteses originárias, já que este corpo-sujeito

[...] se movimenta como uma intencionalidade que percebe as coisas vivendo-as. Este movimento vivo e livre, podemos dizer que é um ato expressivo, significativo e único. A expressão pode ser realizada através do nosso corpo. Ela tem a capacidade de revelar o sentido de nossas experiências puras (SURDI; KUNZ, 2010, p. 274).

No âmbito da TSMH, portanto, permanece a aporia identificada (e revista) pelo próprio Merleau-Ponty em relação à *Fenomenologia da Percepção*: “Fica o problema da passagem do sentido perceptivo ao sentido referente à linguagem, do comportamento à tematização” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 171). Esta operação não é explicada no âmbito da TSMH. Em outras palavras, não sabemos como *o sentido de nossas experiências puras* se articula à linguagem, que continuaria a ser concebida como o resultado dessa consciência originária, privada, núcleo de significação em torno do qual se organizam os atos de denominação. Nessas circunstâncias, *o sentido de nossas experiências puras* traz consigo a ideia de um corpo como potência instituinte, uma potência aberta e indefinida de significar, de desvelar o significado do mundo:

O corpo fenomenal é, assim, um ‘corpo-sujeito’, no sentido de um sujeito-natural (PP 231) ou de um eu natural (PP 502), provido de uma ‘estrutura metafísica’, mediante a qual é qualificável como poder de expressão, espírito, produtividade criadora de sentido e de história (DUPOND, 2010, p. 12-3, grifos do autor).

Essa revelação de um sentido imanente ou nascente no corpo vivo (um interior que se revela no exterior, uma significação que irrompe no mundo e aí se põe a existir, para citar Merleau-Ponty novamente)¹³, é reformulada nos escritos *pós Fenomenologia da Percepção*, o que constitui uma tentativa do filósofo francês de se livrar da marca da *consciência* como fator inaugural do mundo. Como consequência, o conceito de expressão, que vai compor a ontologia de seus últimos textos, prescinde da categoria de significação e da noção de corpo-sujeito (da subjetividade instituinte e antepredicativa) para sua compreensão¹⁴, sendo o conceito de expressão, a partir de então, elaborado em função da reversibilidade do vidente e do visível.

Betti (2006, 2007) é outro autor que se utilizou da TSMH e de Merleau-Ponty para estabelecer o corpo, a motricidade e a cultura como fundamentos pedagógicos da Educação Física. Para tanto, discutiu o trânsito entre o corpo e a linguagem ou, nos termos aqui descritos, entre a percepção e a linguagem. Betti estava interessado em *resolver* uma aporia que está no *coração* das perspectivas culturalistas em Educação Física, ou seja, o fato de que elas querem valorizar a linguagem científica e filosófica *com* a cultura corporal de movimento, mas correm o risco de perder a especificidade da Educação Física ao se tornar um discurso *sobre* a cultura corporal de movimento (BETTI, 2007). Apesar de identificar, na fenomenologia, uma perspectiva que fornece uma agenda de desafios importantes para a Educação Física, o autor vai chamar atenção para a impossibilidade de o dilema “[...] ‘sobre’ *versus* ‘com’ a cultura corporal de movimento ser resolvido pela via fenomenológica” (BETTI, 2007, p. 210); avalia, porém, que essa aporia pode ser mais bem compreendida pelo reconhecimento, tributário da fenomenologia, da “[...] diferenciação entre *significação existencial* (que se refere aos vividos intuitivos, pré-reflexivos, nos quais, o sentido equivale à existência) e *significação conceitual* (que agrega outros sentidos, na medida em que é um

¹³ Merleau-Ponty (2011).

¹⁴ Essa reordenação, contudo, não é identificada nos textos de Kunz e seus orientandos.

saber intersubjetivo [...]” (BETTI, 2007, p. 208, grifos do autor).¹⁵ Ele, portanto, quis oferecer uma resposta ao trânsito entre uma e outra, mas, ao fazê-lo, acabou referendando, talvez sem se dar conta, a rígida distinção entre a percepção e a linguagem então presentes na *Fenomenologia da Percepção*. Talvez isso se explique pelo fato de que a leitura que Betti (2006) fez da fenomenologia teria sido influenciada pela recepção operada pela TSMH nessa tradição. Em função disso, nem a TSMH nem Merleau-Ponty ofereceram a ele uma resposta satisfatória para explicar o trânsito entre o *saber orgânico* (BETTI, 1994) e a linguagem. Em outras palavras, a fenomenologia era útil a ele, pois permitia dar um passo para aquilo que acontece *aquém da cultura*, embora incapaz de explicar como este *aquém* sedimenta-se na cultura. Esse era um movimento fundamental para avançar no tratamento da aporia que está no cerne das tradições culturalistas da Educação Física. Como alternativa, buscou fundamentação na semiótica de Charles Peirce para estabelecer ligações entre códigos diferentes, entre linguagens diversas, enveredando por desenvolvimentos teóricos que não poderão ser desenvolvidos aqui¹⁶. Com essa estratégia, deixou de enfrentar as aporias do pensamento de Merleau-Ponty e, mais importante, suas tentativas em solucioná-las.

Encerramos chamando atenção para o fato de a aporia abordada neste artigo voltar nossa atenção aos usos da fenomenologia na área e identificar como acompanham ou não os desenvolvimentos teóricos presentes no autor, que é praticamente sinônimo dessa tradição em nosso campo: Merleau-Ponty. Além disso, a aporia aqui tratada vincula-se a um debate que, desde algum tempo, vem sendo objeto de reflexão em Educação Física. Referimo-nos à relação entre corpo e linguagem e a *comunicação* entre eles (BRACHT, 2012; FENSTERSEIFER; PICH, 2012; ALMEIDA, 2012). Esperamos que, com esta reflexão, os autores aqui mencionados (e outros) sintam-se *convocados* a continuar a reflexão.

Referências

ALMEIDA, F. Q. Educação física, corpo e epistemologia: uma leitura com o filósofo José Nuno Gil. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 7, n. 2, mai./ago. 2012. p. 329-344.

¹⁵ Alerta que essa diferenciação é mais didática que real, pois seria um equívoco tratar dela de modo dissociado (BETTI, 2006). Este, aliás, é o equívoco das perspectivas culturalistas em Educação Física.

¹⁶ A este respeito, conferir Betti (2006, 2007) e Betti et al. (2005).

ALMEIDA; F.; BRACHT, V.; GHIDETTI, F. F. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. **Educación Física y Ciencia**, Buenos Aires, dic. 2013, vol. 15, no. 2, p. 1-16.

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. **Discorpo**, São Paulo, out. 1994. no. 3, p. 25-45,

_____. **Corpo, motricidade e cultura: a fundação pedagógica da Educação Física sob uma perspectiva fenomenológica e semiótica**. Tese (Pós-Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

_____. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física**, Maringá, 2007, vol. 18, p. 207-217.

BETTI, M. et al. Expressão corporal e linguagem na Educação Física: uma perspectiva semiótica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2005b, vol. 4, no. 4, p. 29-38.

BRACHT, V. **Corpo, Movimento, Conhecimento, Educação e Educação Física: uma exploração filosófica**. 53f. Tese (Pós-doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CARDIM, L. **A ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FENSTERSEIFER, P.; PICH, S. Ontologia pós-metafísica e o movimento humano como linguagem. *Impulso*, Piracicaba, jan./abr. 2012, vol. 22, no. 53, p. 25-36.

FERRAZ, M. **Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FURLAN, R.; BOCCHI, J. C. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, 2003, vol. 8, no. 3, pp. 445-450,

GHIDETTI, F. F. **A teoria do “se-movimentar” humano (TSMH) em questão: limites e possibilidades para uma teoria da educação física**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação física da Universidade Federal do Espírito-Santo, Vitória, 2012.

_____, ALMEIDA, F. Q., BRACHT, V. (2013). A presença da fenomenologia na/da Teoria do Se-Movimentar Humano (TSMH) brasileira. **Pensar a Prática**, Goiânia, jul./set. 2013, vol. 16, no. 3, p. 886-902.

GIL, J. (1996). **A imagem-nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia**. Lisboa: Relógio d'água.

KUNZ, E. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Revista Movimento** 2000/1; 12, Ano VI.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas**: 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Nacif, 2004b.

_____. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOREIRA, W. W. **Educação física escolar**: uma abordagem fenomenológica. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

MOUTINHO, L. D. S. Merleau-Ponty e a “filosofia da consciência”. **Dois Pontos**, Curitiba, São Carlos, abril 2012, vol. 9, no. 1, p. 121-153.

NÓBREGA, T. P. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte. **Princípios**, Natal, v. 7, n.8, pp. 95-108, 2000.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2010.

_____. Merleau-Ponty: movimentos do corpo e do pensamento. **Vivência**, Natal, 2011, vol. 1, pp. 127-136.

NUNES, B. Physis, natura: Heidegger e Merleau-Ponty. **Natureza Humana**: revista internacional de Filosofia e Psicanálise, São Paulo, jul./dez. 2004, vol. 6, no. 2, p. 271-287.

SANTIN, S. **Educação física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí: Unijuí, 1987.

_____. **Educação física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST/ESEF-UFRGS, 1994.

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**: prolegômenos a uma ciência do homem! Lisboa: Veja, 1987.

SURDI, A. G; KUNZ, E. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, out./dez. 2010, vol. 16, no. 04, p. 263-290.

RECEBIDO EM 30 DE JULHO DE 2014.

APROVADO EM 16 DE OUTUBRO DE 2014.